# A ESCOLA DA RECONQUISTA: SABERES INDÍGENAS E A DESCONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO COLONIAL COMO ATO POLÍTICO

**Maria Clara Trancoso**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0003-5034-9171
Endereço eletrônico: mariaclaratrancosos@gmail.com

**Amanda Coelho Chagas**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0007-4975-9383
Endereço eletrônico: amandacchagas14@gmail.com

**Palavras-chave:** decolonialidade; mayá; pedagogia da retomada; resistência epistêmica**.**

## INTRODUÇÃO

O presente artigo busca apresentar uma análise literária da obra **A escola da reconquista** de Maria Muniz Andrade Ribeiro (Mayá)[1], publicado em 2021 pela editora Teia dos Povos, correlacionando com o pensamento de Quijano (2005) em seu artigo intitulado **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. Para fundamentar a crítica à estrutura curricular oficial e a prática docente, dialoga-se com as reflexões de Casé Angatu (2015) acerca do ensino de história indígena. Ademais, utiliza-se o conceito de 'memórias subterrâneas' de Michael Pollak (1989) para compreender como a narrativa da Mestra Mayá resiste ao silenciamento histórico. O objetivo geral deste estudo é investigar como a trajetória e a prática educativa da autora constituem formas de resistência ao pensamento eurocêntrico, articulando a experiência das retomadas Pataxó Hã-Hã-Hãe com a construção de uma educação decolonial.

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e bibliográfica, estruturada por meio de uma análise documental e teórica. O procedimento

1 Nome indígena de Maria Muniz, por isso, em respeito a autora e a forma como ela costuma se identificar, iremos utilizar seu nome indígena ao citá-la.

metodológico consistiu na leitura analítica e sistemática da obra **A escola da reconquista**, de Maria Muniz Andrade Ribeiro (2021), a qual foi correlacionada com as categorias de análise propostas por Aníbal Quijano (2005) sobre a colonialidade do poder. A seleção dos trechos da obra para análise pautou-se na identificação de práticas educativas que tensionam o eurocentrismo e a lógica de dominação colonial. Essa abordagem permitiu confrontar o pensamento hegemônico, discutido no referencial teórico com a narrativa de vida e prática pedagógica da Mestra Mayá, possibilitando compreender a educação indígena como um ato político é uma ferramenta de resistência decolonial.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### A Colonialidade do Poder e a Estrutura do Eurocentrismo

Quijano (2005) demonstra que a globalização em curso, construída por um novo padrão de poder mundial se deu com o processo de constituição da América e do capitalismo colonial/moderno. Para o autor, dois processos históricos influenciaram na primeira identidade da modernidade, constituindo esta como o primeiro espaço/tempo de um padrão de poder. Dentre os eixos fundamentais desse padrão de poder se tem a raça, categoria assumida pelos conquistadores como elemento fundacional que parte da suposta distinta estrutura biológica para justificar as relações de dominação, partindo da ideia de inferioridade e superioridade.

A construção mental de raça como defende Quijano (2005) se apresenta por meio de uma racionalidade específica, o eurocentrismo. A palavra raça não existia antes da chegada dos europeus às Américas, ou seja, a raça se constrói posteriormente nesse processo de colonização como categoria mental inserida em uma hierarquia que lhe reserva o papel de quem pode ser explorado.

O sistema Pós-América pautado no novo padrão de poder acaba por padronizar a existência humana no planeta inteiro, a globalização em curso passa a ser estruturada em 3 pilares globais: Raça (colonialidade), trabalho (capitalismo) e conhecimento (eurocentrismo). O pensamento do Quijano (2005) apresentado acima possibilita uma análise da obra A escola da reconquista, sob dois pilares globais que estruturam essa nova ordem global.

**Descolonizar o saber nas retomadas indígenas**

O verbo "retomar" significa trazer de volta para si ou assumir novamente algo que já te pertencia. As retomadas indígenas[2] são ações políticas realizadas por comunidades indígenas que recuperam áreas tradicionais que estavam sob o controle de pessoas não indígenas. Para além desse ato político e territorial, "retomar" nesse contexto, também, refere-se a descolonização do pensamento acadêmico e a valorização e afirmação cultural.

A ação de ensinar dessa mestra, durante as retomadas indígenas, é o ponto de partida, para a análise e compreensão. Ela inicia sua caminhada educacional sem direito a uma sala de aula, e assim, a escola acontece, segundo a autora, "andando de casa em casa" (Muniz, 2021, p. 62). A parte mais relevante desse processo vivido pela educadora, é o que ela buscava ensinar para as crianças que estavam vivenciando essas retomadas.

Diante disso, é possível traçar um paralelo com o pensamento de Casé Angatu ao falarmos de educação, currículo. Qual história indígena ainda é contada na escola? Qual o perfil dos homens e mulheres indígenas é debatido nas aulas de história?

Ao ler a trajetória da Maria Muniz e conhecer a metodologia adotada por ela, de acordo as possibilidades da sua realidade, é impossível não refletir sobre as diferenças alarmantes daquilo que é ensinado nas escolas não indígenas. Apesar da lei 11.645/2008 que formaliza a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Indígena e Afro-brasileira, existe uma lacuna entre aquilo que é verdade e o aquilo que é apresentado nos livros didáticos.

O Angatu (2015) apresenta uma crítica a formação acadêmica dos professores de história, e como essa falha na graduação é a mola que mantém girando o mecanismo de dominação eurocêntrica. Pois, se a história ensinada aos jovens nas escolas não indígenas, é a do "bom selvagem", como podemos afirmar que o currículo apresentado nessas instituições está desvinculado das amarras da colonialidade?

Por isso, a relevância em apresentar a caminhada da Maria Muniz (Mayá), pois ao trabalhar com os jovens Pataxó Hã Hã Hãe, juntamente com a comunidade, erguer o Colégio Indígena da Aldeia Caramuru e, ter como fundamento escolar a história verdadeira, contada

2 A ênfase das retomadas recai sobre o reconhecimento de territórios reconhecidos por esses povos e dos quais teriam sido expropriados, mas a retomada do território é precedida pelo acionamento de processos do parentesco, da organização social, de práticas rituais e de intensificação de conexões com a ancestralidade. (Pereira; Pechinha; Colman, 2024, p.11)

pelos seus iguais e não por um "homem branco europeu", nos permite vislumbrar o que seria uma educação decolonial.

> Nós chegávamos na sala de aula e os adultos começavam a contar a história de vida deles, aí eu contava a minha também, aí eles contavam a história dos pais deles, dos tios. Tínhamos uma aula muito boa. Não era aula com aqueles livros que o Estado e a prefeitura mandam. Porque era completamente diferente aquele linguajar. Para mim aquilo não tinha importância (Muniz, 2021, p. 97).

O trecho acima permite perceber que Mayá priorizou a oralidade e a troca de experiências de vida no cotidiano escolar. Essa postura pedagógica conecta-se perfeitamente com a crítica feita por Angatu (2015), baseado em Ailton Krenak, de que o verdadeiro conhecimento e a identidade dos povos originários não se prendem à gramática formal ou a livros didáticos padronizados, ao contrário, o verdadeiro saber está nas narrativas vivas passadas de geração em geração, dando ênfase ao valor da memória e da ancestralidade. O seguinte contexto é reforçado a partir da ideia de Quijano (2005) de que a Europa constitui um nova id-entidade legitimada pelas relações de dominação imposta depois da América e ao resto do mundo implicando consequentemente na elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e uma suposta naturalização das relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus estabelecida pela elaboração teórica a ideia de raça.

Quando se trata da elaboração intelectual do processo de modernidade, essa por sua vez demonstra o padrão mundial do poder em um modo de produzir conhecimento pautado em um caráter capitalista e eurocentrado. O eurocentrismo é uma perspectiva do conhecimento hegemônico, tendo suas raízes na Europa Ocidental, associada à específica secularização burguesa do pensamento europeu (Quijano,2005).

## Memória e Resistência Epistêmica

A obra A escola da reconquista de Maria Muniz (2021), é uma forma de resistência epistêmica, que confronta o saber eurocêntrico questionando os sistemas de poder, como também desafiando o pensamento hegemônico. A Mestra Mayá, nos apresenta a história contada por uma outra perspectiva e possibilita fazer uma releitura sobre o perigo de acessar somente um lado da história, ou seja, o lado do colonizador.

A resistência epistêmica, (re)construída por meio da prática educativa pautada nos saberes e memórias de um povo, busca romper a construção de um conhecimento eurocentrado. Sendo assim, essa perspectiva pode ser analisada à luz dos conceitos de memória de Michael Pollak (1989). Isto porque ela é construída através de sentidos e significados que os sujeitos dissidentes dão às suas experiências. Ao focar nos silêncios da memória, esta pode ser sufocada e manipulada por interesses dominantes, é possível compreender que ela não consegue extinguir as experiências daqueles que são considerados marginalizados, anônimos, os que produzem as chamadas "memórias subterrâneas", sempre vindo à tona, e se fazendo presente como uma dimensão da memória social.

## CONCLUSÕES

O pensamento decolonial, apresentado no texto utiliza-se do Quijano (2005), um importante precursor do movimento, para pensar como o processo de colonização da América Latina, pautado no eurocentrismo, na categoria mental da raça. Dessa forma as discussões decoloniais são de suma importância para que possamos reconhecer e analisar de forma crítica sobre essa nova ordem global que se adapta constantemente, ressignificando assim a estrutura que perpetua essa lógica excludente. Posto isso, as narrativas da mestra Maya assumem um importante papel na seguinte conjuntura, ao criar fissuras na lógica eurocêntrica confrontando a história do colonizador com as memórias subterrâneas do povo Tupinambá.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE RIBEIRO, Maria Muniz (Mayá). **A escola da reconquista**. [S. l.]: Teia dos Povos, 2021.

PEREIRA, Levi Marques; PECHINCHA, Mônica Thereza Soares; COLMAN, Rosa Sebastiana (org.). **Retomadas indígenas**. Goiânia: Cegraf UFG, 2024.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. **Revista Novos Rumos**, São Paulo, ano 17, n. 37, p. 125, 2002. (Nota: A referência original apresentada no texto menciona 2002 como o ano de publicação na revista).

SANTOS, Carlos José Ferreira dos (Casé Angatu). "Histórias e culturas indígenas" - alguns desafios no ensino e na aplicação da Lei 11.645/2008: de qual história e cultura indígena estamos mesmo falando?. **História e Perspectivas**, Uberlândia, n. 53, p. 179-209, jan./jun. 2015.